



4º EPPAC

Encontro de Políticas Públicas para a Pan-Amazônia e Caribe

13, 14 e 15
Set / 2017

Boa Vista / Roraima - Brasil

CORPO E DUALISMO NO CONTEXTO ESCOLAR

Amanda da Silva Pinto SEDUC/UEA

RESUMO

O dualismo corpo/mente é uma concepção que precisa se desmitificar. Na Escola, as atividades entendidas como corporais são restritas, admitindo-se que “trabalhar a mente” é muito mais importante do que “trabalhar o corpo”, embora estudos sobre corpo na neurociência apontem algo bem distinto dessa compreensão. Denise Najnamovich (2001) aponta para o contexto histórico ao qual o entendimento de corpo perpassa, recorrendo ao corpo da modernidade. Paul Churchland (2004) considera cinco tipos de dualismos, mostrando que alguns entendimentos do senso comum. Ambos nos trazem uma abordagem sobre compreensão de corpo e dualismo, cultural e historicamente concebidos pelo senso comum, que transitam pelos contextos escolares.

Palavras-Chave: Corpo, Dualismo, Educação.

ABSTRACT

The body / mind dualism is a conception that needs to be demystified. In school, activities understood as corporeal are restricted, admitting that "working the mind" is much more important than "working the body," although body studies in neuroscience point to something quite different from this understanding. Denise Najnamovich (2001) points to the historical context to which the understanding of the body runs through the body of modernity. Paul Churchland (2004) considers five types of dualisms, showing some common-sense understandings. Both bring us an approach to body understanding and dualism, culturally and historically conceived by common sense, which are through in the School contexts.

Key words: Body, Dualism, Education

1. INTRODUÇÃO

A lacuna sobre o entendimento de corpo nas Instituições de Ensino se relaciona diretamente em como este corpo é visto pelas próprias pessoas. O dualismo, que é um termo que admite a coexistência de dois princípios (neste caso, corpo/mente), ainda é uma forma hegemônica de como o corpo é admitido na sua compreensão de existência no senso comum, ou seja, que existe um corpo (físico) que é separado de uma mente (abstrata), e que esta mente habita e comanda este corpo. No caso da Escola, se admite, em geral, que “trabalhar a mente” é muito mais importante do que “trabalhar o corpo”.

A Escola é um lugar de encontro. Encontro de pessoas, encontro dos saberes, encontro consigo mesmo, encontro com o mundo. É neste ambiente que passamos a maior parte do tempo dos nossos dias, durante a infância e adolescência, fase da vida primordial para construção de conhecimentos e valores. Mas é neste ambiente também que, mesmo querendo agregar, segregamos. “Agora é hora de brincar. Agora é hora de estudar”, “Se quiete, sente e se concentre”. “Seja mais cerebral, atividade corporal será outro dia”. Mesmo que a aprendizagem necessite de várias etapas de ação, é de consenso que a leitura, a escrita e a oralidade são as metodologias mais valorizadas nos processos educacionais. As atividades entendidas no senso comum como corporais são restritas, pois não são consideradas como parte do mesmo tipo de educação, embora estudos sobre corpo e movimento na neurociência apontem algo bem distinto dessa compreensão.

Muito da nossa vivência hoje no séc XXI remete ainda aos estudos da ciência moderna (era moderna da ciência, séc. XV até início do séc. XX), a qual se referencia com frequência no dualismo. A ciência moderna ainda nos traz uma visão dualista de corpo e mente, quando investiga seus fenômenos de forma alheia ao que ocorre, ou seja, sem considerar que o investigador está inserido nesta realidade e que os fenômenos não ocorrem de forma isolada, quando é objetiva e calcula matematicamente os fatos, entre outros procedimentos. Neste contexto, Denise Najnamovich (2001) aponta para o contexto histórico ao qual o entendimento de corpo perpassa, o qual recorre ao corpo da modernidade, estereotipado num eixo de coordenadas. Paul

Churchland (2004) considera cinco tipos de dualismos, divididos entre os de substância e o popular, mostrando que alguns entendimentos em menor ou em maior grau ainda assim são dualistas. Ambos nos trazem uma abordagem sobre entendimentos sobre corpo e dualismo, cultural e historicamente compreendidos pelo senso comum, e que transitam pelos contextos escolares, construindo práxis que se baseiam e refletem tais entendimentos.

2. O CORPO DA MODERNIDADE

Najmanovich (2001)¹ se reporta ao corpo matemático e geométrico do Renascimento, em que o mundo passa a ter a ideia da perspectiva linear e, dessa forma, reconceitua o espaço e a relação da mecânica do corpo com ele. Com essa visão realista e objetiva do mundo, dava-se, na época, um grande passo, o qual tem sido questionado atualmente por inúmeros estudiosos das ciências, das artes e das humanidades em geral. O sujeito neste contexto fica fora desse espaço, como se o ambiente existisse sem sua intervenção e o mesmo não compusesse este espaço. A mecânica corporal começou a ser vista como a mecânica dos corpos (corpos como objetos) em geral nesse espaço, ou seja, todo movimento dos objetos (inclusive o movimento humano) era explicado pelas leis da Física - a força, a velocidade, o tempo e o espaço percorrido, a gravidade, a inércia, etc. – e pela Matemática. O que podia ser medido matematicamente é o que passou a ser objeto central de estudo da ciência moderna. Assim, a mecânica corporal é independente do sujeito, neste contexto. Como coloca Najmanovich (2001), os “corpos”² não existem. “O ‘corpo da modernidade’ é um corpo físico mensurável e estereotipado dentro de um eixo de coordenadas” (NAJNAMOVICH, 2001, p. 18).

¹ Denise Najmanovich é epistemóloga e mestre em metodologia da investigação científica, e apresenta seu conceito de “corpo na modernidade” em seu livro “O sujeito encarnado – questões para pesquisa no/do cotidiano”.

² A autora usa a palavra “corpo” entre aspas para diferenciar o corpo referenciado na modernidade como objeto, a carne (corpo), do corpo inteiro, que é uma pessoa (“corpo”).

Nesta visão objetiva³ dos corpos, nós como cidadãos, professores, pais e filhos, as escolas, as empresas, o poder público, enfim, tendem a ver este corpo de forma dualista. Nossos antepassados próximos, pais e avós, ainda foram assim educados e nós também dentro da escola. Portanto, a realidade que encontramos hoje da cultura de como é visto e é tratado este corpo é ainda neste contexto moderno. Apesar de todos termos prosperado em outros segmentos do mundo contemporâneo, quanto ao tempo, ao espaço (com a era digital), parece que esquecemos o nosso próprio ser (humano), que é o corpo.

[...] tudo levaria a crer que o iluminismo instauraria o poder do homem sobre a ciência e a técnica. Mas ao invés disso, liberto do medo mágico, o homem tornou-se vítima de novo engodo: o progresso da dominação técnica. (ADORNO, 1996, apud BINTTENCOURT, 2009, p. 8).

A tecnologia desenvolvida, principalmente já na era moderna até os dias atuais, serviu, sobretudo, para voltar o pensamento do homem para a técnica descoberta e, conseqüentemente, centrou este homem no trabalho puramente técnico, ou seja, em como manipular os instrumentos de trabalho, fazendo deste uma labuta mecanicista. Hoje, o ensino valorizado nas escolas não é distante disso, quando valoriza a memorização, o conteúdo e sua manipulação em contextos estanques (a disciplina pela disciplina). Dessa forma, o “corpo” (NAJNAMOVICH, 2001), tratado de maneira dualista, não é entendido na integralidade de um corpo que acontece e que é no mundo, que pensa fazendo e que faz pensando. Porém, isso não se restringe à escola, pelo contrário: a escola é co-constutora da sociedade capitalista imposta, e que exige tal formação.

Estudos recentes, como Dennett (1997)⁴ e Damásio (2004)⁵ trazem a idéia de proximidade (Damásio, 2004) de mente, corpo e cérebro, que já há

³ Visão do objetivismo, situado na ciência moderna, onde as coisas (o Homem, inclusive) são conceituadas e dimensionadas pela física e matemática, de forma a se entender que somos objetos no mundo que possuem ações e medidas quantificáveis precisamente, sem precisar de outras perspectivas quanto à nossa definição. Portanto, o corpo pode ser medido, quantificado e definido física e matematicamente somente, e a “alma” é uma outra história...

⁴ Daniel Dennett é dedicado aos estudos da filosofia da mente, com grande reconhecimento no meio científico, e é professor e codiretor do Centro de Estudos Cognitivos na Tufts University.

muito a filosofia e a biologia tratam. No “corpomente” ocorrem circuitos cerebrais sensório-motores, que são inseparáveis, entendendo corpo não dissociado, e sim integrado (Dennett, 1997) a todo o momento da sua existência. A todo o momento porque o seu ser-fazer-pensar não atuam em separado, um depois do outro, ou um para o outro, eles acontecem ao mesmo tempo, juntos. As neurociências, portanto, vem trazendo a informação que este corpo não funciona de forma dualista, deixando o entendimento do corpo da modernidade no seu tempo histórico científico passado e pedindo urgência das áreas de conhecimento que se apoiam em seus estudos (Educação, que se apoia nas Ciências Cognitivas, por exemplo) que atualize tais apontamentos e replanejem suas práticas pedagógicas.

3. CORPO: OS DUALISMOS DE CHURCHLAND

A dissociação entre mente e corpo é o que se denomina de dualismo. Paul Churchland (2004)⁶ apresenta cinco tipos de dualismo: o de substância (que se divide em dualismo cartesiano e popular) e o de propriedade (que se divide em epifenomenalismo, o dualismo interacionista de propriedade e o dualismo de propriedade elementar). O dualismo de substância se refere à separação entre corpo e mente, sendo o corpo uma substância física, concreta, palpável e a mente uma substância não física, abstrata, não palpável. Ambos podem estar temporariamente “conectados” por um determinado ponto no cérebro.

O dualismo, de acordo com Paul Churchland (2004), refere-se a estas duas substâncias (física e não física) não só para o que compõe o indivíduo, mas para todas as coisas, a realidade. Portanto, nesse caso, existem as coisas que ocupam um lugar no espaço e que podem ser medidas e outras que não ocupam esse lugar “físico” e que são imensuráveis pela mecânica, o que, no caso, é o ato de pensar, a razão. Nesta perspectiva o corpo é

⁵ Antonio Damásio, neurocientista e escritor, em “Em busca de Espinosa” (2004) continua seus estudos (que já era trazida por Espinosa, filósofo holandês, no séc. XVII) sobre a união corpo e mente

⁶ Paul Churchland é filósofo, e se dedica na sua obra “Matéria e Consciência – uma introdução contemporânea à filosofia da mente” ao estudo do problema mente-corpo.

entendido como reflexo da mente e canal entre o mundo e esta mente. Ou seja, os sentidos [órgãos dos] tato, olfato, paladar, visão e audição “causam experiências” (CHURCHLAND, 2004, p.27) na mente, e os desejos e decisões desta provocam o corpo a agir como ela coordena. O corpo é o canal entre a mente e o ambiente e é essa transferência de função (mente-corpo-mente-corpo) citada acima que são as “conexões causais” (CHURCHLAND, 2004, p. 27).

Essas “conexões causais”, mesmo para Descartes que defendia a ideia, eram um mistério. Como poderia uma coisa não física gerar movimentos? Neurocientistas como Damasio, Dennett, Lakoff & Jonhson, evolucionistas como Darwin, professoras doutoras brasileiras na área de Dança, em suas teses, como Rengel, Katz e Machado, apontam avanços nesses estudos, no sentido de entender corpo/mente como uma unidade, e não de buscar aproximação de mente/corpo.

Tendo em vista essa questão deixada por Descartes, Churchland apresenta uma forma ainda “menos radical” de dualismo, que é o dualismo popular. Este consiste no que ele chama de “fantasma da máquina”, em que a mente (fantasma) ocupa um lugar no espaço e “habita” este corpo (máquina), mais especialmente no cérebro. Esta mente seria manifesta no cérebro na forma de energia, a qual talvez dependa de vibrações entre a coisa mente e o cérebro para existir. Desta forma, acredita-se ser possível, por exemplo, que a mente sobreviva à morte do corpo (vida após a morte), na qual a mente ainda é essa substância não física que “habita” o corpo “recipiente”. Mesmo sendo um senso comum, Churchland (2004) chama atenção para o fato de não existirem provas que evidenciem a sobrevivência da “mente”, mesmo depois da morte do “seu corpo”.

Já o dualismo de propriedade entende que cérebro e corpo são uma mesma substância, porém o cérebro dispõe de propriedades não físicas, as quais nenhum outro objeto do mundo possui. Por exemplo, a propriedade de sentir dor, de sentir vermelho, “de pensar que *P*” (CHUCHLAND, 2004, p. 30). A versão mais antiga deste tipo de dualismo é o epifenomenalismo. Aqui, os epifenômenos nunca irão ter efeitos causais sobre o cérebro, assim defendem os epifenomenistas. Desta forma, a tese de que nossos desejos e decisões provocam nossas ações não se sustenta, e sabemos hoje que nossas decisões

e estados psíquicos influenciam nossas ações, mesmo que ainda falando de forma dualista.

Para “cobrir” esta lacuna deixada pelo dualismo epifenomenalista, aparece uma forma mais aceita de entender este dualismo de propriedade, que é o interacionista. Aqui, as propriedades mentais possuem efeitos causais sobre o cérebro, interagindo com este para causar o comportamento. A mente não “surge” enquanto o físico (cerebral) não tiver se organizado. Isso remete à ideia de que a mente seria algo “emergente” da atividade cerebral. Já o que este autor denomina de dualismo de propriedade elementar, que é o quinto e último dualismo que ele considera existente, denota o inverso: as propriedades mentais já existiam antes mesmo de o “corpo” existir, não podendo, portanto, emergir da atividade cerebral e nem mesmo ser explicado no campo físico.

Apesar de o dualismo se apresentar de várias formas, mesmo os de propriedade tentarem ser “menos” dualistas, ainda assim são dualismos, pois não compreendem o corpo como dotado de processos cognitivos, linguagem, percepção, significado, sistema conceitual, sentimentos, pensamento, razão e sensório-motor, segundo Lakoff & Johnson (1999)⁷, em uma unidade.

O dualismo, para Damásio (2004), não existe em nível nenhum (nem entre mente e corpo nem entre cérebro e corpo), pois o cérebro constrói os mapas neurais da mente e ambos estão a serviço do corpo como um todo. Por isso “um” não se constrói sem o “outro”. O dualismo de substância é o que a maioria das pessoas continua a “identificar como sua preferida” (DAMÁSIO, 2004, p.197), perante as teorias em voga.

Além dos argumentos que Churchland aponta a favor do dualismo, como a **religião** (que trazem a espiritualidade muito afastada do corpo, como se a mente - alma - comandasse este corpo) e a **introspecção** (entendimento que se “atinge” a mente numa espécie de “esforço”, como se esta não estivesse intimamente em unidade com o corpo “físico”), o autor apresenta argumentos contra este dualismo corpo/mente. O primeiro deles é o da simplicidade, que defende que conceber o materialismo é menos complexo que

⁷ George Lakoff e Mark Johnson também escreveram “Philosophy in the flesh: the embodied mind and it's challenge to western thought”, falando sobre filosofia da mente, onde eles abordam conceitos de cognição. Eles têm estudos também sobre metáforas e outras obras conceituando cognição.

o dualismo, visto que o materialismo trabalha com uma substância física distinta (que é comprovada) e o dualista com uma física e uma não física (que não está comprovada). Isso remete ao outro argumento que seria o da impotência explicativa, em que não há ainda teorias que expliquem exclusivamente a mente, enquanto o que há são teorias cognitivas, as quais explicam fenômenos cerebrais/corpóreos.

Outro argumento apontado por Churchland (2004), é o da dependência neural, onde a neurologia e a biologia já comprovaram que fenômenos físicos (doenças, danos, falta de vitaminas, etc. no cérebro) afetam nossas emoções e raciocínio. A coisa “mente” não pode ser algo extra-corpóreo, ao contrário disso, não poderia sofrer alguma alteração quando na inferência de algo puramente físico, como drogas, álcool, medicamentos, etc.

O último argumento contra o dualismo que este autor aponta, e que se afirma ser crucial é o da nossa história evolutiva. Há muito, cientistas evolutivos provaram através de registros fósseis e experiências químicas que somos resultado de um processo evolutivo das espécies. Isso consiste em conceber que todos os organismos vivos vieram de outros mais simples, os quais vieram de outros mais simples ainda e assim por diante. Nosso sistema nervoso, portanto, não é diferente, visto que também é fruto (assim como nossas orelhas, pernas, braços, etc.) de transformações (evoluções). “Nossa natureza interior difere das criaturas mais simples apenas em grau, mas não em gênero” (CHURCHLAND, 2004, p. 47).

Estas são colocações contra o dualismo que levantam polêmicas sim, pois são estudos consideravelmente novos e que se colocam como novos paradigmas para a compreensão de nós mesmos. Além disso, são estudos em andamento, não concebidos por completo de comprovações, como nas denominadas ciências duras (matemática, física, química, etc.). Apesar de o dualismo ser uma concepção muito frequente em meio às pessoas em geral, não é a mais amplamente defendida no meio científico e filosófico nos dias de hoje, segundo Churchland (2004).

4. NOTA CONCLUSIVA

Lenira Rengel (2007), professora, pesquisadora, dançarina e coreógrafa, em sua tese de Doutorado, chama este corpo entendido como não dualista (corpomente) de corponectivo⁸, no sentido de em ato, já conectado, e não que irá conectar, que não acontece um para depois ocorrer o outro. “MenteScorpoS são mutuamente transitados” (RENGEL, 2007, p. 37). Este conceito não é a simples união dessas “duas substâncias”. A autora também exemplifica algumas metáforas do nosso cotidiano que remetem ao entendimento dualista sobre corpo e, principalmente, na Escola:

Agora é hora de brincar. / Agora é hora de ser mais cerebral. / Seja mais emotivo. (Professor de Arte em sala de aula. (As três fases como “etapas” de uma mesma aula. Usando o ato de brincar e emotivo como se não fosse preciso pensar. São Paulo/SP, 2005, apud RENGEL, 2007, p. 131)

Meu corpo é meu instrumento. (Expressão recorrente de dançarinos, atores, músicos, pessoas em geral. Como se a pessoa fosse uma, e o corpo outra “coisa”, apud RENGEL, 2007, p. 131)

Um livro para ler a dois: você e sua consciência. (outdoor de propaganda de livro, apud RENGEL, 2007, p. 137)

Dentre muitos outros exemplos de entendimentos e expressões dualistas sobre o corpo, este ainda é tratado de maneira dualista na Educação. Assim parece, visto que muitos dos valores que trazemos ainda hoje são modernos, pela referência histórica na qual nos apoiamos. As práticas voltadas para a leitura, a oralidade e a escrita são predominantes, como se só a verbalização ou as palavras fossem formas de construção de conhecimento. As carteiras que preenchem as salas de aula ocupam um lugar de supremacia na organização desses *corposalunos* no espaço, de forma a “discipliná-los” numa Escola que não concebe este corpo como atuante no processo de pensar/raciocinar. Nós pesquisadores e atores dos processos educacionais precisamos compreender e fazer compreender o corpo que é concebido hoje pelos estudos contemporâneos (das Ciências Cognitivas, das Artes, da Educação, dentre outros). O fenômeno *mentecorpo* precisa de outra

⁸ Uma tese para tradução de *embodied*, que significa reunir corporificar, reunir num só corpo o que se dizia “diferentes substâncias”, entendendo o corpo como uma única substância.

compreensão, no sentido do seu modo de operar, que são integrados e não dissociados, para que possamos experienciar no dia a dia este fato da própria vida.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. São Paulo: Bomtempo, 2007.

BITTENCOURT, Cândida Alayde de Carvalho. **Arte e Educação: da razão instrumental à racionalidade emancipatória**. Curitiba: Juruá, 2009.

CHURCHLAND, Paul M. **Matéria e Consciência – uma introdução contemporânea à filosofia da mente**. São Paulo: UNESP, 2004.

DAMASIO, Antonio. **Em busca de Espinosa: prazer e dor nas ciências dos sentimentos**. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DENNETT, Daniel C. **Tipos de Mente: rumo a uma compreensão da consciência**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

KATZ, Helena. **Um, dois, três: a dança é o pensamento do corpo**. Belo Horizonte: Helena Katz, 2005

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **History in the flesh**. New York: Basic Books, 1999.

MACHADO, Adriana Bittencourt. **O papel das imagens nos processos de comunicação: ações do corpo, ações no corpo**. 2007. 117 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Área de Concentração: Signo e Significação das Mídias, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

MARQUES, Isabel A. **Dançando na Escola**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

NAJMANOVICH, Denise. **O sujeito encarnado – questões para pesquisa no/do cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

RENGEL, Lenira. **Corponectividade – Comunicação por procedimento metafórico nas mídias e na educação**. 2007. 169 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Área de Concentração: Signo e Significação das Mídias, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.